

... Havia muito que os convidados se tinham ido embora. O relógio deu a meia hora. Na sala ficaram apenas o dono da casa, Serguei Nikoláitch e Vladímir Petróvitch.

O anfitrião tocou a campainha e mandou servir o que restava do jantar.

— Estamos então combinados — disse ele, afundando-se na poltrona e acendendo um charuto —, cada um conta a história do seu primeiro amor. Começa o Serguei Nikoláitch.

Redondinho e loiro, de cara bolachuda, Serguei Nikoláitch olhou primeiro para o anfitrião, depois fixou os olhos no tecto.

— Não tive primeiro amor — acabou por dizer. — Comecei logo pelo segundo.

— Como assim?

— É simples. Tinha dezoito anos quando comecei a arrastar a asa pela primeira vez a uma menina, bastante bonita; mas fazia-lhe a corte como se isso não fosse uma coisa nova para mim... precisamente... e a partir daí cortejava da mesmíssima maneira todas as outras. Para falar verdade, a primeira e última vez que me apaixonei foi com a idade de seis anos, pela minha ama-seca; mas já passaram desde então tantos anos que os pormenores das nossas relações se varreram

da minha memória, e mesmo que me lembrasse, que interesse poderiam ter?

— Se assim é, como vamos fazer? — perguntou o anfitrião.

— No meu primeiro amor também não há nada de curioso: não me apaixonei por ninguém antes de conhecer a minha mulher Anna Ivánovna, e foi tudo fácil: os pais combinaram o casamento, não tardou que nos apaixonássemos, casá-mos rapidamente. A minha história conta-se em duas palavras... Quando me debrucei sobre a questão do primeiro amor, contava com vocês, meus amigos, que são solteiros, não direi velhos, mas também já não são jovens... Ao menos você, Vladímir Petróvitch, não terá alguma coisinha para nos obsequiar?

— O meu primeiro amor não foi nada vulgar, é verdade — respondeu com alguma hesitação Vladímir Petróvitch, homem para os seus quarenta anos, de cabelo preto já a ficar ligeiramente grisalho.

— Ooh! — exclamaram, em coro, o anfitrião e Serguei Nikoláitch. — Ora ainda bem... Conte lá.

— Está bem... Ou antes, não: não conto nada, não sou bom nisso; tudo me sai curto e seco, ou então longo e falso. Se não se importam, prefiro passar a escrito tudo o que recordar e lê-lo depois aos senhores.

Os amigos, primeiro, protestaram, mas Vladímir Petróvitch insistiu e levou a sua avante. Duas semanas depois voltaram a reunir-se, e Vladímir Petróvitch cumpriu o prometido.

Eis o conteúdo do seu caderno.

1

Foi no Verão de 1833, tinha eu dezasseis anos.

Vivia em Moscovo, em casa dos meus pais. Na altura alugávamos uma casa de campo perto da estrada de Kaluga, em frente do jardim Neskútchni. Eu estava a preparar-me para a faculdade mas não me aplicava muito nem tinha pressa.

Ninguém me restringia a liberdade. Fazia o que me apetecia, sobretudo desde que largara o meu derradeiro preceptor francês que não havia meio de se conformar com a ideia de ter caído na Rússia «como uma bomba» (*comme une bombe*) e que, com uma expressão ensandecida na cara, passava dias a fio deitado na cama. O meu pai tratava-me com uma indiferença carinhosa; a minha mãe quase não me dava atenção, apesar de não ter outros filhos além de mim; mergulhava noutras preocupações. O meu pai era um homem ainda jovem e bonito, que se casara por interesse: ela era dez anos mais velha. A minha mãe tinha uma vida triste: sempre enervada, com ciúmes, zangada — mas nunca na presença do meu pai, tinha medo dele, daquela sua atitude rigorosa, fria, alheada... Não conheço ninguém mais esmeradamente tranquilo, seguro de si e autoritário do que o meu pai.

Nunca esquecerei as primeiras semanas que passei na casa de campo. Tínhamo-nos mudado da cidade a 9 de Maio, dia

de São Nicolau, o tempo estava maravilhoso. Eu passeava muito, ora no nosso jardim, ora no jardim Neskútchni, ora fora de portas, com um livro na mão que nunca abria, de história, por exemplo, uma vez que preferia ler poesias ou dizer em voz alta as que sabia de cor; fervia-me o sangue, e o meu coração desfalecia com uma doçura divertida; estava sempre à espera de qualquer coisa e, ao mesmo tempo, intimidado com essa coisa, e tudo me causava admiração, e todo o meu ser estava aberto e pronto; a minha fantasia brincava, esvoaçava constantemente à volta das mesmas imagens — tal qual os ápodes à volta do campanário ao amanhecer; quedava-me pensativo e triste, até chorava; mesmo assim, no meio das lágrimas e da tristeza suscitadas por algum verso musical ou pela beleza do entardecer brotava dentro de mim, como erva primaveril, um sentimento alegre de vida jovem a fervilhar.

Tinha um cavalo de sela. Selava-o sozinho e cavalgava para longe, a galope, imaginando-me um cavaleiro num torneio (com que júbilo me soprava o vento nos ouvidos!), ou, voltando o rosto para o céu, abria a alma à sua luz brilhante e azul.

Recordo que, nesse tempo, a imagem feminina e o fantasma do amor pela mulher nunca me vinha à cabeça em contornos definidos; mas todos os meus pensamentos e sensações pressentiam, pudica e meio inconscientemente, qualquer coisa nova, doce até ao inefável, feminina.

Aquele pressentimento — aquela espera — impregnava todo o meu ser, respirava-o, corria-me nas veias, em cada gota de sangue... Teria de se cumprir em breve.

A nossa casa de campo compunha-se de um solar de madeira, com colunas, e dois anexos baixinhos; no anexo da esquerda estava instalada uma fabriqueta minúscula de acabamento de papel de parede barato; ia muitas vezes para lá e via como uma dúzia de rapazes magricelas e desgrehados, de batas sujas e rostos extenuados, saltavam sobre as alavancas

de madeira que premiam a prensa quadrangular e assim estampavam, com o peso dos seus corpos franzinos, os motivos multicores no papel. O anexo da direita estava vago, destinava-se a alugar. Num belo dia — umas três semanas após o 9 de Maio — os guarda-ventos do anexo abriram-se e apareceram às janelas rostos femininos: tinha-se instalado lá uma família. Recordo que, nesse mesmo dia, estávamos a almoçar e a minha mãe perguntou ao mordomo quem eram os nossos novos vizinhos; ao ouvir como resposta o nome da princesa Zassékina, disse primeiro com um certo respeito: «Oh! Princesa...», mas depois acrescentou: «Deve ser uma pobretana qualquer».

— Chegaram em três coches alugados — observou o mordomo, servindo respeitosamente um prato —, não têm caruagem própria, e a mobília não presta para nada.

— Pois — disse a minha mãe —, mas sempre é melhor.

O meu pai lançou-lhe um olhar frio, e ela calou-se.

De facto, a princesa Zassékina não podia ser rica: o anexo que alugara era tão velho, pequeno e baixinho que gente minimamente abastada não aceitaria viver ali. De resto, naquela altura, eu passava tudo aquilo em claro. O título de princesa não me impressionou: tinha lido havia pouco *Os Salteadores* de Schiller.